

almasada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

2.ª série #22 Nov. 2019

dossiê

PATRIMÓNIO CULTURAL PORTUGUÊS

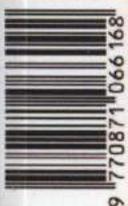
**experiências e
modelos de gestão**

**Um templo romano
junto ao teatro de Felicitas
Iulia Olisipo / Lisboa?**

**As extraordinárias pedras
dos padres Rodrigues e Brenha**

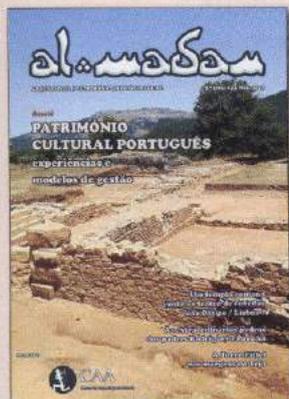
**A Torre Eiffel
nas margens do Tejo**

Preço: 10 €



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Na imagem, escavação do fórum da cidade romana de *Ammaia*, situada no actual Município de Marvão, observando-se a porta oeste do edifício, ladeada por *taberna* e escadaria do pórtico. Ao fundo, o *podium* do templo dedicado ao culto imperial.

Fotografia | © Joaquim Carvalho / Fundação Cidade de Ammaia.

al-madana
II Série, n.º 22, Novembro 2019

Proprietário e editor | Centro de Arqueologia de Almada, Apartado 603 EC Pragal, 2801-601 Almada, Portugal
NIPC | 501 073 566
Sede | Travessa Luís Teotónio Pereira, Cova da Piedade, 2805-187 Almada
Telefone | 212 766 975
E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com
Internet | www.caa.org.pt
Publicidade e distribuição | Centro de Arqueologia de Almada
Registo de imprensa | 108998
ISSN | 0871-066X
Depósito Legal | 92457/95
Estatuto editorial | www.almadan.publ.pt
Impressão | Jorge Fernandes Ld.ª, Rua Qrª do Conde de Mascarenhas, 9, 2820-652 Charneca de Caparica
Tiragem | 300 exemplares
Patrocínio | Câmara Municipal de Almada
Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª, Associação dos Arqueólogos Portugueses e Câmara Municipal de Oeiras
Apoio | Neoépica, Ld.ª

Nesta edição, a *Al-Madana* contribui para a apresentação e o debate de diferentes modelos de gestão do Património cultural, que ocupa hoje os especialistas da área e sectores transversais da sociedade portuguesa. Fá-lo através de um dossiê que reúne um conjunto de textos de opinião e de reflexão, nomeadamente nos domínios do Património arqueológico, museológico, arquitectónico, imaterial, geológico e paisagístico. São ainda discutidas tendências, conceitos e paradigmas da gestão pública e privada do Património, bem como o papel desempenhado pelas estruturas associativas e outras formas de organização da sociedade civil. Por fim, promove-se o balanço e a análise prospectiva de experiências como a do Parque Arqueológico do Vale do Côa / Museu do Côa, da *Rota do Românico* e da *Rota do Fresco*. Completam o dossiê textos breves que abordam outras soluções de gestão patrimonial, aqui tratadas como estudos de caso.

Mas há outros motivos de interesse nas páginas seguintes.

No espaço reservado aos cronistas habituais, retoma-se o tema candente da gestão dos espólios arqueológicos, a propósito da discussão alargada de uma proposta de “*recomendações de boas práticas*” promovida pela DGPC e por outras instituições. Noutro plano, são tratados os conceitos de “*tempo da memória*” e de “*memória do tempo*”, para constatar que a sua desarticulação dificulta a recriação das identidades tradicionais nas sociedades contemporâneas.

Dois artigos dão-nos conta da eventual identificação de um templo na proximidade do teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa), e da escavação de uma extensa unidade de produção de cal que, provavelmente, alimentou o crescimento urbano de *Pax Iulia* (Beja), enquanto um terceiro apresenta alguns resultados de um projecto dedicado à Arqueologia subaquática no arquipélago de Cabo Verde. A reactivação das preocupações quanto à investigação e salvaguarda das necrópoles megalíticas da Serra do Alvão, em Vila Pouca de Aguiar, justifica um novo olhar sobre as “*extraordinárias*” descobertas publicitadas pelos padres Rodrigues e Brenha no início do século XX.

Em paralelo, o papel de Manuel Vieira Natividade (1860-1918) na Arqueologia portuguesa e, em particular, na região de Alcobça, é evocado por ocasião do centenário da sua morte, ao mesmo tempo que se dá conta de projecto para erguer em Lisboa uma imponente construção inspirada na Torre Eiffel, intenção que, paradoxalmente, só viria a ser concretizada, e de forma bem mais modesta, na *Festa dos Tabuleiros* que animou Tomar em 1914.

Resta referir um diversificado noticiário arqueológico e espaços que destacam eventos científicos em agenda e novidades editoriais.

Como sempre, votos de boas leituras!..

Jorge Raposo

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Conselho Científico | Amílcar Guerra, António Nabais, Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de Almada (sede)

Resumos | Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço, Vanessa Dias e Sónia Tchissole

Colunistas | António Manuel S. P. Silva e Victor Mestre

Colaboram neste número | Prapty Alam, Nelson Almeida, José M. Arnaud, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Isabel Barata, Hilda Bárbara, João Belo, Jacinta Bugalhão, Guilherme Cardoso, João L. Cardoso, Carlos Carvalho, Joaquim Carvalho, Enrique Cerrillo Cuenca, António Sá Coixão, Patrícia Cordeiro, Mário Correia, Joaquim L. Costa, Jorge da Costa, Luís Costa, Pedro Cura, Sara Cura, Mariana Diniz, Ana L. Duarte, João C. Faria †, Natália Fauvrelle, Lídia Fernandes, Cristina Ferreira, Hélder Ferreira, Luís M. Figueira, Catarina V. Gonçalves, Carolina Grilo, Virgílio Lopes, Sofia C. Macedo, Rosário C. Machado, Istiake Manik, Susana Marques, Andrea Martins,

Vasco de Melo, Catarina Mendes, Victor Mestre, Florival B. Monteiro, Sandra Naldinho, Bruno J. Navarro, José L. Neto, Nuno Neto, César Neves, Mª João Neves, Luiz Oosterbeek, Mª de Fátima Palma, Pedro Parreira, Isabella B. de Queiroz, Jorge Raposo, Ana C. Ribeiro, Paulo O. Ramos, António Ponte, Luís Raposo, Paulo Rebelo, Artur A. Sá, Emanuel Sancho, Mª José Santos, Raquel Santos, Luís Sebastian, António M. Silva e Elizabeth Silva

Os conteúdos editoriais da *Al-Madana* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a publicação respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Museu do Traje

São Brás de Alportel

Dono de um rico acervo, fruto maioritariamente de doações da população do território, o Museu do Traje de São Brás de Alportel (MuT) tem sede num antigo edifício apalaçado, construído ao estilo romântico nos finais do século XIX. Em seus primeiros anos, logo se deparou com o desafio de tornar aquela estrutura, à primeira vista destoante da pequena vila, em algo útil à sua comunidade.

Desenvolvido no seio de uma Misericórdia e compreendendo que a intervenção social poderia e deveria ser realizada por via da cultura, o MuT não se contentou em ser o típico “museu feito para turista”. Tornava-se necessário algo mais. A busca pela “utilidade” revelava, portanto, a vontade latente de aprofundar a relação com a comunidade da qual fazia parte.

Sem perder de vista o interesse turístico, naturalmente presente nas exposições, nos edifícios e nos jardins, o Museu tornou-se um espaço aberto ao espírito de iniciativa, socialização e partilha, a partir da abertura e do envolvimento com a população local, seja através dos “Amigos do Museu”, do “Clube do Museu”, de projetos de criação de auto-emprego e/ou da integração de associações locais.

Assim, levando em consideração não apenas as pessoas, mas também as potencialidades do meio, o Museu adotou uma lógica de gestão com base na ideia de rede de cooperação – um modelo de gestão colaborativo e horizontal –, criando oportunidades para o desenvolvimento de interesses específicos, a formação de grupos diversificados e, sobretudo, priorizando a autonomia e a polivalência das pessoas e dos espaços.

Com o passar do tempo, o MuT compreendeu a importância de aprofundar o caráter vital que a participação comunitária havia assumido no seu quotidiano. Para tanto, desenvolveu um modelo interpretativo dos seus métodos de gestão, a que foi dado o nome de “Museu em Camadas”, que se tem transformado num caso de estudo.

Considerado um instrumento prático de gestão, o modelo “Museu em Camadas” pode ser compreendido como um raio X da organização, em determinado tempo/espaço, espelho da sua profundidade conceptual. As camadas são, portanto, os níveis de aprofundamento das relações estabelecidas no espaço do museu, conforme as dinâmicas

entre pessoas, grupos e outras organizações existentes, num dado intervalo de tempo (ver Lorena Sancho QUEROL e Emanuel SANCHO, “Sujeitos do Património: os novos horizontes da museologia social em São Brás de Alportel”, *e-cadernos CES*, 21, Coimbra, 2014, disponível em <https://journals.openedition.org/ces/1780>, em linha em 2019-09-26).

A construção desse instrumento deriva do exercício de reflexão acerca das diferentes formas de participação estabelecidas no museu. Por meio da metodologia SOMus (Projeto SOMus - Society in the Museum, <https://www.ces.uc.pt/ces/projetos/somus/>), procedeu-se à sua análise e sistematização e à representação do modelo a partir de um elemento simbólico para o museu e o território. No caso, a alegoria encontrada – as sucessivas camadas de cortiça produzidas pelo sobreiro ao longo do tempo – evoca o tempo, a continuidade e a renovação permanente que encontramos na vida interna do Museu. Numa fase posterior, procedeu-se à atualização, revisão e apuramento deste processo de representação. As quatro camadas encontradas, sobrepostas numa relação de espaço e tempo, de modo mais superficial a curto prazo e, mais aprofundado, de longo termo, são:

- 1) A estrutura organizacional do espaço museu mais patente e superficial;
- 2) As dinâmicas encontradas no dia-a-dia do museu, sem maior profundidade;
- 3) Os espaços de trocas interorganizacionais estabelecidos no decorrer do tempo;
- 4) As ações e relações que, aprofundadas no tempo, persistem e constroem o futuro do museu, constituindo a sua identidade.



Ao tom dessa gestão horizontal associada ao trabalho em rede, o museu tem sido lócus de um dinamismo gerado por múltiplas organizações que partilham um espaço comum, além de um rico ambiente de convívio e trocas multiculturais, ainda que recheado de conflitos e tensões. A experiência revela que o processo participativo está associado a um estado constante de “equilíbrio instável”, que requer atenção dobrada e qualidades de mediação por parte do gestor.

Por fim, a pouco e pouco, o museu está a transformar-se no ponto de encontro sociocultural da terra. O desafio de tornar as pessoas utentes do Museu – como se tratasse de uma ida à mercearia ou à farmácia – tem sido um processo lento e difícil, porém gratificante, à medida que é perceptível um novo ritmo e vigor das ações geradas a partir das interações estabelecidas no museu.

Hilda Bárbara e Emanuel Sancho,

setembro de 2019

[o texto segue o Acordo Ortográfico de 1990]

